

Apresentação

Lenin Pires e Paula Pimenta, *Editores*

Análise é uma iniciativa editorial do **LAESP**. Assim como todas as outras atividades e projetos do **LAESP**, *Análise* se inscreve no esforço maior de continuar o processo de construção da Universidade e da Pesquisa no Brasil. No *Análise*, tal esforço é ampliado pela abertura à colaboração diversificada, que inclui ensaios, análises de conjuntura, notas técnicas, relatos etc., com vistas à difusão de informações e interpretações qualificadas sobre o momento presente do país.

Trata-se, portanto, de um espaço de publicação aberto a todas as intervenções que avancem a tarefa de explicitar o que, por vezes, parece invisível. Embora típica do comportamento intelectual do cientista, desenvolver as capacidades de ver e evidenciar o que está oculto, muitas são as práticas sociais capazes de colaborar com a tarefa. Ao lado dos critérios formais regulares, esse é o único crivo substantivo adotado na seleção dos textos que publicamos: que a escrita intervenha no branco e explicita algo que por qualquer motivo, foi tornado invisibilizado ou silenciado.

Participam de sua construção pesquisadores do LAESP em diversas etapas de formação. Da mesma forma, qualquer pessoa terá seu trabalho recebido e avaliado pelo LAESP, desde que tenha sido observado aquele critério subjetivo. Seu conteúdo se compõe de intervenções curtas de atores que, ao informarem os leitores sobre os temas e problemas cuja centralidade contemporânea se fizeram também autores. Assim, a unidade do acervo do *Análise* se expressa na orientação, presente em todas as intervenções, de que o pensamento deve se permitir acompanhar da ação.

Quanto à forma das intervenções, merecem comentário a do ensaio e a da análise de conjuntura. Em lugar de adotar as formas ‘seguras’, porque prescritas pela ‘boa prática acadêmica’, aquele que se lança à experiência de escrever um ensaio se vê responsável por todas as decisões que compõem o texto. Poderá se abrir às demandas formais postas pelo conteúdo que pretende expressar, de cuja resposta depende a comunicação da análise do escritor ao leitor – o qual obterá do ensaio muito mais do que informações. Por seu turno, a tradição da análise de conjuntura, embora mais dura, trata de temas cuja urgência é contemporânea da escrita. Se pensamento e ação caminham juntos, o tratamento dos problemas do momento depende do esforço analítico. Assim, a forma da análise de conjuntura cristaliza a exigência de fazer a vida intelectual estar em permanente contato com práticas de intervenção.

É hora de mudar o mundo.

Os pesquisadores do LAESP mantem animadas práticas conhecidas como características do trabalho do intelectual público. A adoção de formas pelas quais o intelectual se reconcilia com a sua específica competência para agir, capacita-o para conter a ampliação de paradoxo característico do nosso tempo: a urgência da ação transformadora é mais veloz do que a

oportunidade para agir. Diante do paradoxo, muitos dos homens e mulheres dedicados ao pensamento se veem instados a desistir.

Nós do LAESP, não.

Entendemos a atividade de intelectual público como uma forma de resistência.

Ao constatarmos que, talvez, já não haja tempo, ainda assim somos movidos para a ação. Neste ponto, operam duas noções centrais. A primeira delas é a constatação de que, num ambiente social em que apenas a capacidade de naturalização está à altura da aspereza das circunstâncias, parece caber ao pesquisador treinado mobilizar as tecnologias analíticas que aprendeu a controlar para servir a seus contemporâneos, explicitando aquilo que as muitas formas da opacidade têm tanto sucesso em encobrir. A segunda é um desdobramento da primeira. De certa forma, impõe-se ao intelectual público oferecer a seus contemporâneos aquilo cuja promoção caberia aos espaços de formação política, os quais, tendo sido indignamente atacados e, finalmente, fechados ao longo da última década, deixaram indisponível a construção da consciência. Como pesquisadores, parece-nos ter natureza de tarefa encampar mais esse desafio. Pois é ele quem pode, pelos atributos que construiu, atravessar as muitas camadas de opacidade fixadas sobre a experiência por aqueles que fazem da dominação o seu ofício. Para, com isto, devolver aos atores o que, afinal, a eles pertence: o horizonte da ação.

Um ator que não dispõe daquela específica consciência que é necessária para a ação pode, no próximo segundo, alcançá-la. Dadas as condições, é claro. O que queremos é participar deste processo. E, embora seja uma iniciativa começada e tocada por pesquisadores, concebemos como um espaço aberto, cujo único critério é aquela urgência.

Ao dar à seção o nome 'Análise', pretendemos jogar com o significado do espaço frequentado por tantos de nós, o qual é destinatário, portanto, do nosso reconhecimento. Ao contrário, pretendemos apenas aludir ao psicologismo presente nas análises de colegas que acertadamente, mantém uma atividade de intelectual público, mas que, equivocadamente, descuidam de explicitar as origens – quase sempre, de classe – e o sentido – quase sempre de neutralizar o conflito – de uma ordem social injusta. Não se trata de recusar a dimensão subjetiva dos fenômenos, o que, da tradição marxiana, é algo que majoritariamente não subscrevemos, mas de não silenciar quanto às causas objetivas que se impõe à subjetividade, que devem ser explicitadas, condicionantes ideológicos e perversos que levam os homens a servir a sua própria dominação. O problema de silenciar sobre origens e sentido do fenômeno descrito, identificando o que a subjetividade sofre com o que ela produz, é o perigo de incorrer naquilo que Pasolini, aludindo a Hegel, chamou de consciência infeliz. Esta, deixada sem vigilância, opera uma espécie não muito refinada de recondução daquilo que nos chama à atenção ao que é de interesse explicitar, quando não denunciar e, em todo caso, mas jamais subscrever: o programa de tolerância das instâncias das quais emanam as verdadeiras causas dos fenômenos por cuja descrição e análise somos responsáveis.

Niterói, julho de 2020